



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (LICENCIATURA)**

LUIZ CARLOS DA CUNHA OLIVEIRA

SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE

CAMPINA GRANDE/PB

2016

LUIZ CARLOS DA CUNHA OLIVEIRA

SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia, orientado pelo Profº. Me. Ramon Bolívar Germano, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Ramon Bolívar Germano

CAMPINA GRANDE
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48s Oliveira, Luiz Carlos da Cunha
Sobre a liberdade em Sartre [manuscrito] / Luiz Carlos da
Cunha Oliveira. - 2016.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Râmon Bolívar Germano,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".


1. Sartre. 2. Homem. 3. Liberdade. 4. Existência I. Título.
21. ed. CDD 194

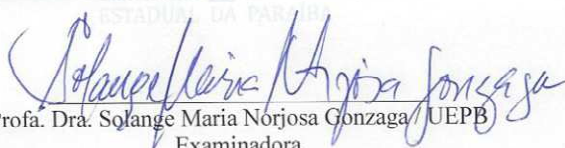
LUIZ CARLOS DA CUNHA OLIVEIRA

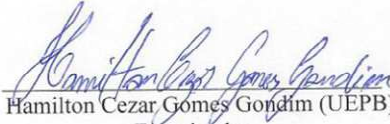
SOBRE A LIBERDADE EM SARTRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 23/05/2016.


Prof. Me. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano / UEPB
Orientador


Profa. Dra. Solange Maria Norjosa Gonzaga / UEPB
Examinadora


Prof. Me. Hamilton Cezar Gomes Gondim (UEPB) / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha mãe, dona Maria de Lurdes da Cunha Oliveira, e a meu pai (in memoriam) Manoel Luiz de Oliveira, a Ana Beatriz. Um agradecimento de gratidão à professora Dr.^a Solange Maria Norjosa Gonzaga, pela sua acolhida a nossa turma em 2011, foram dois anos de muito aprendizado. Ao professor Ramon Bolívar, que me orientou nesse trabalho. Aos amigos que fizeram parte desses cinco anos de Licenciatura em Filosofia na UEPB. A Platão.

Tornei-me um grande problema para mim mesmo.

Santo Agostinho

RESUMO

A liberdade constitui um dos maiores problemas da existência humana, visto que o maior interesse do homem é ser livre. Contudo existem “barreiras” que impedem que a liberdade aconteça. O objeto desse trabalho é a concepção que Jean Paul Sartre (1905-1980) tinha sobre a “liberdade”, e como o homem pode viver para alcançar tal êxito (ser livre) e quais as condições que o próprio homem cria para não ser livre. Para Sartre o homem não tem “escolha”, ele é livre, está condenado a isso. O homem não pode fugir dessa facticidade, ele está só, e é responsável pelas consequências de suas escolhas e conseqüentemente pelo o Outro, o que acaba por gerar a angústia, que é a total responsabilidade de ter de escolher. O homem por fim é um projeto, não está pronto, precisa se fazer, e se fazendo constrói o mundo.

Palavras- chaves: Sartre; liberdade; angústia; homem; existência.

RESUMEN

La libertad constituye uno de los mayores problemas de la existencia humana, ya que el mayor interés del hombre es ser libre. Sin embargo existen “barreras” que impiden que la libertad acontezca. El objeto de este trabajo es la concepción que Jean-Paul Sartre (1905-1980) tenía acerca de la “libertad”, y cómo el hombre puede vivir para alcanzar tal éxito (ser libre) y cuales las condiciones que el propio hombre crea para no ser libre. Para Sartre el hombre no tiene “escoja”, es libre, está condenado a esto. El hombre no puede huir de esta facticidad, el está solo, y es responsable por las consecuencias de sus escojas y consecuentemente por el Otro, lo que acaba por engendrar la angustia, que es la total responsabilidad de tener que escoger. El hombre por fin es un proyecto, no está acabado, necesita hacerse, y haciéndose construye el mundo.

Palabras- clave: Sartre; libertad; angustia; hombre; existencia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA “EXISTENCIALISTA”	10
CAPÍTULO II: A ANGÚSTIA	17
CAPÍTULO III: A MÁ-FÉ	28
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta alguns pontos importantes do pensamento de Jean Paul Sartre (1905-1980) que norteiam a sua principal concepção de filosofia em relação à existência: A liberdade do *Para-si*, ou condição humana da qual afirma: “A existência precede a essência” (SARTRE, 1970, p.3), de modo que a realidade humana precisa partir da subjetividade para se entender a existência. Em Sartre a liberdade se apresenta como algo inédito, pois o homem é livre e não poderá não ser. Para este filósofo a liberdade é a condição fundamental da ação do homem, é a liberdade que faz o homem Ser. Contudo aparece aquilo que assusta, que angustia que tira o homem da sua liberdade. Eis o grande paradoxo da liberdade que Sartre deixou para a posteridade: “Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1970, p.7). A partir dessa “condenação” o homem se forma sem nenhuma intervenção ou força que o obrigue ou possa dar outro caminho para se fazer existir.

Tomamos como base para este trabalho, a conferência “*O Existencialismo é um Humanismo*” apresentada por Sartre em Paris no ano de 1946. Nessa conferência ele visa explicar a sua doutrina e também defendê-la de algumas acusações. Sartre visa também nessa conferência e em toda sua filosofia dar um caráter social à liberdade, toda ação implica uma moralidade, tirando-se daí toda uma responsabilidade pelo social e pelo Outro.

São duas as críticas que a filosofia de Sartre sofre, primeiro a política: acusam Sartre de que sua doutrina é mera especulação contemplativa, decaindo sua filosofia numa burguesia de luxo, essa crítica vinha justamente de muitos de seus amigos, os comunistas franceses. “A segunda crítica é a cristã que acusa Sartre de suprimir Deus da História, mostrando em tudo o lado viscoso e sórdido da vida, deixando de lado a própria beleza”. (SARTRE, 1970, p.1).

Outra base para este trabalho é a capítulo quatro; “ter fazer e ser: a liberdade” da obra o *O Ser e o Nada*, em que Sartre afirma que o existencialismo define o homem como “nada mais do que o conjunto dos seus atos”. O Ser e o Nada é um ensaio da ontologia sartriana, que como diz o subtítulo parte do “Nada” da primazia da subjetividade, na qual a realidade humana se situa. Não poderemos fazer aqui

um estudo geral da subjetividade partindo do Ser e o Nada, visto que essa parte está na classe da psicologia e principalmente da psicanálise freudiana, portando a subjetividade em nosso estudo se dará apenas em determinação da ação humana como apresentado em *O Existencialismo é um Humanismo*.

Na primeira parte desse trabalho faremos uma reflexão da época “existencialista” que Sartre viveu, período que corresponde com a Segunda Guerra mundial. Época em que tudo foi questionado, a existência, o outro, e, como é práxis da filosofia sartriana, a existência de Deus. Sartre foca sua doutrina dividida entre duas correntes do existencialismo: os cristãos e os ateus. Contudo o existencialismo de Sartre vai divergir dos demais, nele só o homem existe como criador e arbitrariamente se escolhe.

Na segunda parte entramos num dos pontos principais de Sartre sobre a liberdade: a angústia. Para o existencialista o homem é angústia, pois ele se dar conta de que não apenas escolhe a si mesmo, mas à humanidade inteira. A angústia está em todas as ações, porém não impede o homem de agir. Em suma, vai dizer Sartre que ela é a própria ação, pois o homem tem sempre que decidir e isso é o resultado da não existência de Deus, é a “última consequência”. Por último, analisaremos a má-fé que é para Sartre a antítese da liberdade, pois leva o homem a fugir de si mesmo, passando a má-fé a ser uma conduta que o homem usa como uma mentira para se esconder do ato da escolha, impossibilitando de tal forma o projeto autêntico da existência.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA “EXISTENCIALISTA”

Antes de entrarmos na tese principal de Sartre é preciso fazer uma leitura da época em que Sartre viveu, pois no início do século XX, as guerras entre os homens tornaram-se mais eficazes, e a guerra em muito pouco tempo destruiu o que o homem levou anos para construir. A queda da bolsa de valores de Nova York também contribuiu para agravar o pessimismo de então – fome, desemprego, mortes. Para Sartre nesse momento a subjetividade humana estava abandonada, o homem estava desfigurado, existia um imobilismo social. Sartre pusera em dúvida o sentido da existência, o sentido do outro, de Deus. Sartre estava em “náuseas” uma (condição existencial de estranhamento ao ser humano), uma força reveladora para destruir todas as bases que emprestava ao homem o sentido da vida. “E estava à espera de ver os ramos saírem do nada, amadurecerem pouco a pouco, desabrocharem: ia, enfim, surpreender existências no ato de nascerem. Bastaram três segundos para serem varridas todas essas esperanças” (SARTRE, 1970, p.82). Com todo esse desespero, onde todos os caminhos estão vedados, onde a ação é para muitos totalmente impossível, em Sartre a filosofia surge como uma resposta para esse desespero, atraídos pela sobrevivência da existência humana, para nosso filósofo isso passa a ser uma questão de sobrevivência. É por isso que Sartre se intitula como o autêntico existencialista – era preciso lutar.

Nossa liberdade hoje não é nada mais que a livre escolha de lutar para nos tornarmos livres e o aspecto paradoxal desta fórmula exprime simplesmente nossa condição histórica. Não se trata de enjaular meus contemporâneos: eles já estão na jaula; trata-se pelo contrário, de nos unirmos a eles para quebrarmos as grades. (SARTRE, 1964, p.97).

Quando Sartre afirma que seus contemporâneos “já estão na jaula” está certamente falando dos mesmos que criticam o seu existencialismo ateu que afirma: “Se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser determinado por qualquer conceito: este ser é o ser humano, ou como diz Heidegger, a realidade humana” (SARTRE, 1970, p.4).

O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início não é *nada*, só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. (SARTRE, 1970, p.40).

Sendo assim não existe uma natureza humana para Sartre, passando o homem a ser apenas o que ele quer ser do seu projeto, sendo responsável até pelo seu desejo de livrar-se da responsabilidade, que conseqüentemente leva o homem a “se ver” dentro de uma responsabilidade absoluta, pois sua entrada no mundo é inapreensível, e o seu nascimento jamais aparecera de forma concreta.

Essa tese do nascer é sem sombra de dúvida um grande paradoxo para se entender a questão da liberdade em Sartre, visto que o homem não é o fundamento do seu Ser. Na ótica existencialista o homem foi abandonado no mundo, não no sentido de ser desamparado para o resto da vida, mas em um sentido, que o homem se depara que está sozinho. Contudo o homem, em todas essas questões tem que escolher, já que não existe uma natureza anterior, que o condicione as suas escolhas. “Em certo sentido, eu escolho ter nascido” (SARTRE, 2007, p.404) e como ele se concebe após ter nascido. O seu nascimento já é um fato, “já que não posso não escolher” (SARTRE, 2007, p.379). Nessa visão existencialista, até mesmo o suicídio é uma forma de ser no mundo, pois segundo Sartre; recusar a vida é também uma escolha. “Meu projeto rumo a uma morte é compreensível” (SARTRE, 2007, p. 404).

O nascimento é um fato, contudo ligado ao problema dessa difícil questão de como o homem escolhe até mesmo ter nascido. Sartre afirma que o nascimento é inapreensível, e até mesmo inconcebível, pois, ele não aparece na realidade, mas é uma construção projetiva do Para-sí.(ser da consciência humana) O homem se dará conta que é responsável pelo vim ao mundo a partir do momento em que transcender a sua própria condição humana, da facticidade que está em todos os seus atos e escolhas.

É assim, precisamente, que o Para-si se apreende na angústia, ou seja, como ser que não é fundamento de seu ser, nem do ser do outro, nem dos Em-si que formam o mundo, mas que é coagido a determinar o sentido do ser, nele e por toda parte fora dele (SARTRE, 2007, p.405).

O homem é em si nada (Para-si), e essa afirmação, pode genuinamente levá-lo a ver que poderia ser questionar que, ele não tem responsabilidade por nada no mundo, que as coisas da vida se dão apenas por ocasiões que podem ser aproveitadas ou negligenciadas, enfim, o homem pode até dizer “que não pediu pra nascer”, contudo ele é coagido a se fazer ser.

Os marxistas acusam o existencialismo de Sartre de uma filosofia contemplativa reduzido a um pequeno número de burgueses, visto que a contemplação é um luxo. A crítica marxista ao existencialismo foi realizada por diversos pensadores, mas a mais radical e mais influente foi a de George Lukács (1885-1971). Como mostra Antonio Resende: “George Lukács irá combater ferrenhamente o existencialismo [...] de Sartre e Beauvoir, para esse autor o existencialismo é uma filosofia da pequena burguesia intelectualizada, e Sartre não escapa disso”. (RESENDE, 2005, p.238).

Os católicos criticam o existencialismo, pois para estes tal filosofia desonra a humanidade, acrescentando o lado feio, sombrio, e ruim da vida humana, esquecendo, por exemplo, o lado bom da vida como um simples sorriso de uma criança. Essas críticas são feitas, a Sartre, pois sua filosofia é feita da pura subjetividade, na qual o homem é indissociável de sua experiência no mundo, rejeitando ideias que o prende em conceitos vazios desarticulados com a existência. Na subjetividade o homem se apreende em sua solidão. Sartre coloca como ponto de partida o olhar ao outro, a solidariedade com o próximo. No pensamento sartriano, eu só sou na medida em que o outro me reconhece como tal, como mostra Resende:

Sartre pretende que há uma “ligação fundamental” entre o eu e o tu. Se olho os olhos do outro tudo, sua cor, por exemplo, apreendo um objeto. Mas se capto o olhar do outro tudo muda de figura, pois ai me sinto visto pelo outro, e sei que atrás do olhar do outro há uma consciência. Acontece que o olhar do outro me reduz à condição de objeto, de um em-si. Disso deriva o sentimento originário da minha relação com o outro, que é a vergonha (RESENDE, 2005, p.236).

É a concepção famosa do existencialismo que diz que o “inferno são os outros”¹. “O olhar é, antes de mais nada, um intermediário que remete de mim a mim mesmo” (SARTRE ,2007,p.208). Em Sartre o olhar é um reflexo do *nada*,

¹ Foi um fórmula que separada do contexto como a “A existência precede a essência”, “ O homem é uma paixão inútil”, escrita na imprensa sensacionalista de Paris, trouxe muitos problemas para Sartre.

quando olho o outro me vejo nele, a negatividade que vejo nele é a minha negatividade, sinto vergonha de ver o outro na rua, o olhar é uma visão do meu próprio nada, o individuo é para si a pura devolução do outro.

A crítica cristã também acusa Sartre de suprimir os mandamentos de Deus restando com isso apenas a pura gratuidade do agora, sem responsabilidades e sem valores eternos, gerando assim uma crise de relativismos. Sartre responde dizendo que ele, por estranho que pareça, ele fala do mesmo Humanismo que os cristãos tanto falam, mas não vivem em prática, pois são covardes. Humanismo para Sartre é toda forma de Liberdade que torne a vida humana possível².

O existencialismo é essa doutrina que torna a vida humana possível, pois nele a liberdade implica um meio e uma subjetividade, afirma Sartre, pois a relação intersubjetiva se dá necessariamente no horizonte do conflito, este conflito, dizem os cristãos, é o lado negativo do existencialismo. Pergunta Sartre: “não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, se deve seguir sempre a tradição o romantismo?” (SARTRE, 1970, p.23). Para Sartre a Liberdade nasce desse conflito de não se ir nessas velhas ideias metafísicas, é preciso à ação. Continua Sartre; sobre os críticos que censuram o *existencialismo*, será que no fundo o que amedronta nessa doutrina os cristãos, não é a própria escolha?

O existencialismo estava na moda, para Sartre o existencialismo assumiu uma amplitude tão grande que não significa rigorosamente nada, visto que as pessoas dizem serem existencialistas, mas não sabiam em nada do que se tratava tal pensamento, visto que essas pessoas vivem de escândalos e agitações. O *existencialismo* na realidade para Sartre é uma doutrina (filosofica) exclusiva, e está ligada aos filósofos, pois estes sabem que só o existencialismo está voltado para as preocupações do ser; de guiar o homem atormentado pela angustia da existência.

Sartre diz que existem dois tipos de existencialistas, e isso complica mais o existencialismo.

Por um lado os cristãos, entre os quais colocarei Jasperes e Gabriel Marcel, de confissão católica, e por outro, os ateus, entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que esses opostos têm em comum é simplesmente a ideia que a existência precede a essência (SARTRE, 1970, p.3).

² SARTRE, 1970, p.1

No entanto, o *existencialismo* ateu em que Sartre está incluído, nega que Deus existe. Não existindo Deus, para governar a condição humana, é preciso partir de um ponto, e esse ponto para Sartre é a subjetividade, o próprio homem. Sartre mostra o exemplo do corta papel que foi fabricado por um artífice, para tal este se inspirou num conceito, que já tinha como receita o próprio conceito de corta papel, ou seja, a sua finalidade, desse modo à tesoura tem já em sua criação o seu próprio fim (finalidade de cortar), nesse caso diz Sartre; “a essência precede a existência, sendo a tesoura uma vida determinada”. (SARTRE, 1970, p.3).

Para Sartre essa é uma visão técnica do mundo, é uma visão que existe um Deus criador, sendo Deus o artífice do homem. “Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta papel” (SARTRE, 1970, p.4). No século XVIII, o ateísmo elimina a noção de Deus, porém aí está instalado um grande paradoxo. Mesmo a noção de Deus sendo eliminada a ideia de que a essência precede a existência continua nos escritos de filósofos importantes como Kant, Voltaire entre outros, pois o homem possui uma natureza humana e essa natureza, que é o conceito de humano é encontrada em todos os homens. “Assim mais uma vez, a essência do homem precede essa existência histórica que encontramos na natureza” (Idem, p. 4).

Essência, existência, qual é a diferença para Sartre? Para este filósofo o homem é a existência. “O homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define, mas de início o homem não é nada, ele só será aquilo que se fizer de si mesmo” (SARTRE, 1970, p.4). Almeida nos mostra bem o conceito que Sartre tinha de existência:

Não existem ideias inatas, anteriores ao surgimento do homem e destinadas a orientar sua vida, indicando que caminho ele seguir. As ideias do homem extraem-se de sua experiência pessoal. O indivíduo primeiramente existe, com o tempo, torna-se isto ou aquilo, quer dizer adquire sua essência. Está que irá caracteriza-lo, mostrando-o em que se tornou bom ou agradável ou antipático destemido ou covarde, etc. A essência humana, portanto só aparece com decorrência da existência do homem. São seus atos que definem sua essência, logo inicialmente o homem existe e só depois é possível defini-lo, conceitua-lo. (ALMEIDA, 2009, p.7 apud PENHA. 1984 p.7).

Portanto, não há mais dependência do homem a um plano divino, se Deus não existe também não existe um bem “*a priori*” assim Sartre pauta a tese do

existencialismo, colocando do outro lado o homem não existencialista, ou um não autêntico: “Todo homem que se refugia nas desculpas de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo é um homem de má-fé” (SARTRE, 1970, p.16). Contudo, Sartre faz um contraponto sobre a liberdade como nos mostra Amarildo Fernandes de Almeida:

Afirmar que o homem é livre não significa conferir-lhe o poder ou o destino de agir caprichosamente e não ao acaso. O homem é livre no sentido em que pode livremente decidir só seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, assumindo uma determinada atitude em relação ao seu próprio futuro, presente e passado. No plano ontológico, a liberdade é a possibilidade do para-si existente de negar a sua própria facticidade em-si transcendendo-a em direção a uma “outra” situação. (ALMEIDA, 2009, p.23)

Em Sartre o homem é o único “projeto” de si mesmo, nada existe antes desse projeto, o homem é aquilo que projetou ser, contudo para Sartre esse “projeto” de futuro para o homem, não é aquilo que ele quiser ser, porque o querer como compreendermos já é uma escolha, consciente que o homem faz que ele projetou³, em outras palavras “querer não é poder” para Sartre. Nesse sentido, o homem só é submetido à escolha, porque ele não consegue transpor os limites da subjetividade humana. “É esse [...] significado que constitui o sentido profundo do existencialismo” (SARTRE, 1970, p.5). O homem está só é um projeto histórico, tem um corpo e de certa forma ele tem a posse total da sua existência, contudo, ele existe sem uma essência determinada, só nas escolhas que faz é que ele irá constituir sua essência. Nas escolhas para Sartre o homem não escolhe somente o seu futuro, mas escolhe o futuro de todos os homens⁴. Sartre ainda vai mais além em sua relação com o Outro. Para ele toda escolha é para o Outro, deve ter como fim o bem: “o que escolhermos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos” (SARTRE, 1970, p.4). Em suma, para Sartre a responsabilidade que temos com o outro é muito maior que poderíamos supor, pois qualquer decisão engaja toda a humanidade, a escolha é sempre para o Outro “escolhendo-me escolho o homem⁵. A escolha deve ser sempre um ato concreto, o homem deve estar sempre engajado livremente, ele precisa agir, e mesmo que ele negue escolher, estará fazendo uma

³ “Eu quero aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso são manifestações de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo a que chamamos de vontade”. (SARTRE, 1970, p.5)

⁴ SARTRE, 1970, p.5.

⁵ Idem, p.5.

escolha, assim a escolha não se torna fácil, mas só é através dela que o homem se realiza. Assim diz *o Ser e o Nada*:

Assim, estamos perpetuamente comprometidos em nossa escolha, e perpetuamente conscientes de que nós mesmos podemos abruptamente inverter essa escolha e "mudar o rumo", pois projetamos o porvir por nosso próprio ser e o corroemos perpetuamente por nossa liberdade existencial: anunciamos a nós mesmos o que somos por meio do porvir e sem domínio sobre este porvir que permanece sempre possível, sem passar jamais à categoria de real. Assim, estamos perpetuamente submetidos à ameaça da nadificação de nossa atual escolha, perpetuamente submetidos à ameaça de nos escolhermos - e, em consequência, nos tornarmos - outros que não este que somos (SARTRE, 2007, p.350).

Contudo, ao escolher um caminho, o homem, abre mão de outros possíveis, embora cada caminho escolhido abra a possibilidade de muitos outros. Sartre chega à conclusão que homem contemporâneo era livre, contudo nunca foi tão inseguro, é nesse contexto que Sartre via a liberdade, como o tema mais relevante da época. A escolha é sempre absoluta, porém frágil, pois o homem, não se apreende, na realidade, já que é um nada ele, está sempre para o que será. "Escolher-nos é nadificar-nos, ou seja, fazer com que um futuro venha a nos anunciar, o que somos conferindo um sentido ao nosso passado" (SARTRE, 2007, p.350).

CAPÍTULO II

A ANGÚSTIA

Com a “escolha” subjetiva do homem Sartre coloca assim o “ponto crucial” em relação à liberdade humana: o conceito de angústia. E como devemos entender a *angústia*?

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 1970, p.5).

Sartre nos mostra que a angústia é a própria responsabilidade da vida, o homem não se escolheu ser, mas o seu agir, é que o define. Muitas pessoas não têm responsabilidade pelo outro, então como se realiza a liberdade, como ficaria o Outro “se todos fizessem o mesmo” ⁶? Para Sartre segundo Bueno “Não ter responsabilidade pelo Outro é o mesmo que não ser livre”. (BUENO, 2007, p. 106). Em Sartre a angústia pode se dar justamente pelo medo da liberdade. A liberdade gera a angústia. O homem prefere escolher a não liberdade a ter que escolher a sua própria liberdade. Contudo, para Sartre a angústia não aparece só com o desespero dos que usam para se esconder do peso de ser livre, mas mesmo quando o homem foge de si mesmo a angústia aparece, ela está em todas as decisões, entretanto, ela não impede de agir.

Se uma voz se dirige a mim, sou sempre eu mesmo que terei de decidir que essa voz é a voz do anjo; se considero que determinada ação é boa, sou eu mesmo que escolho afirmar que ela é boa e não má (SARTRE, 1970, p.6).

Não existe no homem um espírito de Abraão, que tinha o “privilégio” (escolhido) e ouvia a voz de Deus. Ou melhor, dizendo, o que provava a Abraão que a voz que ouvia era mesmo a voz de Deus?

A *angústia de Abraão* também revela que a liberdade torna o homem responsável mesmo frente a Deus. Um anjo pede para Abraão matar seu único filho Isaque como sacrifício. De um lado, o anjo se manifestou e pediu

⁶SARTRE, 1970, p.6.

a ele um sacrifício em nome de Deus, de outro, ele estaria assassinando seu próprio filho, o que é pecado. Ninguém mais ouviu a conversa, ele está abandonado e precisará decidir sozinho o que fazer. Antes de qualquer coisa, o homem pode se perguntar: o que garante que eu sou Abraão? Como diferencio o chamado divino de uma psicose? Posso ainda me questionar se quem me fala é mesmo um anjo, se essa voz que fala é boa ou má e, por fim, depois de decifrar o que essa voz significa, serei eu sozinho o único a decidir se atendo a convocação divina ou a ignoro. (ERCULINO, 2013, p.21).

O problema, não é a questão de Deus, ou do anjo, etc., que fala com Abraão, e sim a responsabilidade de Abraão em compreender que a sua escolha será em total abandono, é ele que decide se acolhe ou ignora o sinal “divino”. Todo homem para Sartre tem que se perguntar se seus atos servem de norma para toda a humanidade. Essa reflexão serve de base para que o homem veja que não tem como se esquivar da responsabilidade, e se ele não fizer essa reflexão, é porque está mascarando sua angústia⁷. Para Sartre é a própria angústia que constitui a ação, pois ela pressupõe que o homem encare as pluralidades dos possíveis e que, ao escolher um caminho ele se de conta de que ele não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. Em suma, para Sartre, a angústia está em todas as ações, é a própria responsabilidade humana direta para com os outros homens engajados pela escolha. “E cada homem deve perguntar a si próprio: sou eu, realmente, aquele que tem o direito de agir de tal forma que os meus atos sirvam de norma para toda a humanidade”? (SARTRE, 1970, p.6). A angústia é para Sartre a própria ação, pois, não é possível que não exista angústia em cada decisão tomada. Em suma, ela simplesmente da responsabilidade humana. A ordem, por mais “superior” que ela seja, o homem é quem decide e quem interpreta, e a responsabilidade é somente sua, e qualquer decisão irá levar a certo grau de angústia. Portanto o homem vive um drama a qualquer instante de decisão que toma. É esta totalidade, a contingência da época. Assim, diz Sartre frente ao marxismo uma das grandes correntes da história que quis dar ao homem uma tomada de decisão:

Hoje, a experiência social e histórica escapa do saber. Os conceitos burgueses quase não se renovam e se desgastam depressa; os que permanecem carecem de fundamento: [...] Quanto ao marxismo, tem fundamentos teóricos, abarca toda a atividade humana, mas não sabe mais nada: [...] um dos caracteres mais marcantes da nossa época é que a história se faz sem ser conhecida. (SARTRE, 1979, p.29).

⁷ SARTRE, 1970, p.6.

Para Sartre, quando o homem escolhe escolher, pela vida do Outro, esta escolha, é de total individualidade, porém uma individualidade universal, ele torna-se um legislador. Nessa visão, o homem deve negar as condições de sua existência, assumindo que é um nada, pois ele está num mundo de contradições “situação terrível que lhe impõe, como único modo autêntico de existência, o imperativo da incessante negação”.⁸

Se para Sartre Deus não existe esta certeza precisa ser levada as últimas consequências, o homem se sente desamparado, tem sempre de buscar seu futuro, ele é um projeto, que está condenado a criar a si mesmo. “Vou emergindo sozinho, e, na angústia frente ao projeto único e inicial que constitui meu ser, todas as barreiras, todos os parapeitos desabam nadificados pela consciência de minha liberdade.” (SARTRE, 2007, p.48). Homem este sempre lançado para o futuro e só se realizará com aquilo que se fizer de si mesmo. Contudo, surge imprevistos que torna-se para o homem um ponto que ele deve fazer uma reflexão, ou até mudá-lo.

No entanto, eleger um projeto, escolher os meios adequados não significa propriamente realização do mesmo, pois o homem é livre e a qualquer momento pode mudar seu projeto original. Porém, mesmo que venha efetivamente a realizar o projeto escolhido para sua vida, ao final, o homem não se terá encontrado porque é característico da realidade humana estar sempre em outro lugar, o Para-si é o ser que é o que não é e não é o que é (BUENO, 2007, p.32).

Portanto, a realidade humana é livre. O homem tem que se inventar a cada momento, está sempre “em outro lugar”. Entretanto, a liberdade faz parte do nada, tudo isso porque o homem não é pleno, ele é um nada que é. “Um Para-si sempre percebe sua situação estando em falta de algo” (COX, 2007, p.99).

No plano da questão de Deus diz Sartre: “O existencialista [...] pensa que é extramente incomodo que Deus não exista, pois junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível. [...]” (SARTRE, 1970, p.7). Ficou atribuída a Dostoievski no seu livro "*Os Irmãos Karamazov*" a seguinte máxima: “Se Deus não existisse tudo seria permitido.” Sartre então diz:

Deus não existe mesmo, e tudo é permitido. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado (grifo)

⁸ Idem, 107.

nosso) a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez foi lançado no mundo. (Idem, 1970, p.7).

Essa é a máxima do pensamento sartriano, estamos sós, sem desculpas o homem está condenado a ser livre: “É livre na exata medida em que introduz o nada no mundo.” (SARTRE, 1970, p. 4). É somente o homem que pode decifrar os sinais que bem entende ele será o futuro dele mesmo. “Eu me projeto ao Futuro para fundir-me com aquilo que me falta, ou seja, com aquilo cuja adjunção sintética a meu presente me faria ser o que sou.” (SARTRE, 2007, p. 110). Eis um exemplo simples que Sartre emprega com relação ao projetar-se para o futuro: A posição de um jogador numa quadra, de tênis, só tem sentido, pela ação que ele faz com a raquete, para devolver a bola para quadra adversária, por cima da rede. Mas o jogador não obedece para essa ação, uma vontade, que o obriga ou faz agir, para jogar a bola. Sartre diz que essa vontade, que muitos dizem que existe, é ídolos inventados pelos psicólogos.

Não há momento de minha consciência que não seja igualmente definido por uma relação interna com o futuro; que eu escreva, fume, beba, ou repouse o sentido de minha consciência esta sempre à distância, lá adiante, fora de mim. (SARTRE, 2007, p.109).

O Futuro, não é o “agora” que ainda não é, pois ele não é uma coisa estática “O futuro é o *que* tenho-de-ser na medida em que posso não sê-lo.” (SARTRE, 2007, p. 109). O homem é liberdade, porém agora ele está desamparado, Sartre coloca então a questão de como o homem poderá escolher o seu futuro? “Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.” (SARTRE, 1970, p.7). O homem só escolhe o futuro se inventando, agindo, sendo. Ele é exatamente isso.

Para Sartre esse futuro incerto da humanidade, não é para o homem uma prisão, em que ele se sinta desamparado “O desamparo implica que somos nós mesmos que escolhemos o nosso ser.” (SARTRE, 1970, p.9). O homem tem a responsabilidade direta com a humanidade, para ele todo desafio precisa ser um ato histórico.

Somos também feitos de tal modo que *devemos ou morrer, ou reinventar o homem*. [...] sem nós a fabricação se daria no escuro, por emendas e remendos, se nós, os “descerebrados”, não estivéssemos ali para repetir constantemente que devemos trabalhar segundo *princípios*, que não é uma

questão de *emendar*, mas de medir e *construir*, e, finalmente, *que ou a humanidade será o universal concreto, ou não será.* (Itálico original). (MÉSZÁROS, 2012, p. apud Sartre, 1964, p.64).

Nada pode fazer que o homem abandone a luta, é preciso sempre que o homem se engaje pois; “Não é preciso ter esperança para empreender.” (SARTRE, 1970, p. 11). A ilusão é uma luz que ilumina tudo que se pode fazer, ninguém sabe o futuro, já que a realidade não existe a não ser na ação, frisa Sartre: O homem deve comprometer-se com sua vida, deve saber que para além do seu rosto não existe nada, isso acarreta, uma angústia ainda maior, pois, o homem não aceita que os fracassos da sua vida são escolhas dele, mas por outro lado para Sartre isso leva o homem a entender que só a realidade conta, “que as esperas, as esperanças”,⁹ só permitem que o homem se defina como um sonho malogrado, ou seja, que ele se defina em negativo, destarte o homem vai perceber que não é nada mais, que sua própria vida. “Em função disso, podemos entender por que nossa doutrina horroriza certo número de pessoas.” (SARTRE, 1970, p.11). Esse terror do existencialismo para os críticos é visto por Sartre, como uma fuga da realidade, na qual ele vai mais longe ao dizer que a realidade não existe a não ser somente na ação.

Na doutrina existencialista o homem é a soma de tudo de bom que se faz, ele não se faz pelo pessimismo e sim pelo otimismo, em suma, ele deve fazer tudo que tiver ao seu alcance. Isso não implica que o homem seja julgado apenas pela sua obra, muitas coisas contribuem igualmente para defini-lo, no final o homem é uma soma de todo seu empreendimento condicionado pela influência histórica. Para Sartre esse “otimismo duro” era uma das acusações mais covardes que o existencialismo sofria, pois, ele dizia que o homem não é julgado por uma influência hereditária, ou por um determinismo psicológico; para o existencialismo: “se o homem é covarde só ele é responsável por essa covardia.” (SARTRE, 1970, p. 11).

Na visão de Sartre os críticos do existencialismo não querem aceitar que, o homem não nasce covarde nem herói, então Sartre coloca a seguinte pergunta, que na verdade é outro paradoxo da Liberdade: “Mas, afinal, esses seres tão fracos, como poderão ser transformados em heróis?”¹⁰ A resposta de Sartre é a seguinte: se ninguém nasce covarde ou herói, se constrói assim pelos seus atos, existe uma

⁹ Idem, p.11.

¹⁰ Idem, p.12.

possibilidade de o covarde não ser mais covarde, e do herói não ser mais herói, e isso só depende da sua ação, não uma ação particular, mas uma ação total, um engajamento que engaje o Outro. Portanto, Sartre vê a doutrina existencialista como o verdadeiro humanismo do século XX, pois:

[...] não existe doutrina mais otimista, visto que o destino do homem está em suas próprias mãos; nem como uma tentativa para desencorajar o homem de agir: o existencialismo diz-lhe que a única esperança está em sua ação e que só ato permite o homem viver. (SARTRE, 1970, p.12).

Assim Sartre acredita ter respondido algumas das críticas feitas ao existencialismo. Para Sartre o existencialismo não é uma filosofia do quietismo, pois o homem “existencialista” está sempre engajado na ação, e o futuro do homem depende somente da ação, “visto que o destino do homem está em suas mãos”. (SARTRE, 1970, p.12). Portanto, na filosofia de Sartre o homem está assim perante uma moral da ação e do engajamento. Sartre também responde à crítica de que o existencialismo está aprisionando as pessoas pela sua subjetividade individual. Assim diz Sartre:

Também aí nos interpretam muito mal. Nosso ponto de partida é, de fato, a subjetividade do indivíduo, e isso por razões filosóficas. Não porque sejamos burgueses, mas porque desejamos uma doutrina baseada na verdade e não num conjunto de belas teorias cheias de esperança, mas sem fundamentos reais. (SARTRE, 1970, p.12).

Para Sartre a sua filosofia é verdadeira porque está posta no cogito cartesiano de Descartes “penso logo existo” que é o uso da consciência em si mesma para atingir a verdade, e este método para Sartre é ainda mais verdadeiro por que está ao alcance de todos, e sem intermediários.

O cogito cartesiano para Sartre é a única teoria que atribui ao homem o seu mais precioso grau social, pois, o cogito não o trata como um objeto. É esse o status do existencialismo que atribui ao homem a sua mais alta dignidade. Já todo materialismo trata o homem como objeto, como qualquer mesa ou cadeira. Para Sartre é preciso que se estabeleça uma divisão entre o reino humano e o simples reino material, e essa divisão se apresenta na subjetividade baseada no cogito cartesiano:

Porém, a subjetividade que alcançamos a título da verdade não é uma subjetividade rigorosamente individual, visto que, como já demonstramos, no *cogito* eu não descubro apenas a mim mesmo, mas também os outros.

Pelo eu penso, contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente à filosofia de Kant, nós nos atingimos a nós mesmos em face do outro, e o outro é tão certo para nós quanto nós mesmos. Assim, o homem que se atinge diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e ele os descobrirá como a condição de sua existência. (SARTRE, 1970, p.13)

Como visto acima Sartre não concorda com Descartes quanto à questão da liberdade, Sartre diz que o *penso* é a apreensão perante o outro, sendo o *penso* (pelo outro) a própria condição da existência, a verdade a partir da qual o homem será condicionado ao Outro, sendo assim o Outro é indispensável para a existência do Eu. Uma das muitas críticas de Sartre a Descartes está na segunda prova da existência de Deus em *Meditações* (O imperfeito pressupõe o perfeito, Deus). Para Descartes o homem apresenta-se como um ser imperfeito “porque duvida”. Não obstante, essa imperfeição para Descartes prova a presença da ideia de perfeição (Deus). Sartre vê nessa dualidade um desnível entre o ser que pode ser e o ser que é. Descartes via a consciência para chegar ao cogito, e ele incluiu Deus como fonte da consciência. Para Sartre Descartes errou, pois sendo Deus um ser perfeito, a plenitude da existência, a própria verdade, não poderia ter sua nascente no homem que não é nada.

Em resumo, todo esforço para conceber a ideia de um ser que fosse fundamento de seu ser resulta a despeito dele próprio, na formação da ideia de um ser que, contingente enquanto Ser-Em-si, seria fundamento de seu próprio nada. O ato de causação pelo qual Deus é *causa sui* constitui um ato nadificador, como toda retomada de si por si mesmo, na medida exata em que a relação primeira de necessidade é uma reversão sobre si, uma reflexividade. (SARTRE, 2007, p.76).

Em suma, se Deus existe ele é contingente, logo se ele é aprendido pelo cogito cartesiano, ele se nadifica-se em Para-sí. Para Sartre a consciência não pode apreender nada além de sua facticidade. “Assim, a consciência não pode, de nenhuma forma, impedir-se de ser, e, todavia, é totalmente responsável pelo seu ser.” (SARTRE, 2007, p.79).

Para Sartre é esse o reino humano e esse reino está posto na intersubjetividade, é nesse reino que o homem se separa do objeto, ele é quem decide o que é e o que são os Outros. Nesse reino o homem tem que sair do projeto que é e se realizar, pois ele está no mundo, todo homem tem que se comprometer, deve procurar fazer o bem, e mais ainda “ele deve se determinar livremente na sua

ação.”¹¹ Assim Sartre de distancia de Descartes na questão de que o conhecimento está na subjetividade, e não só na racionalidade do cogito cartesiano. “É preciso sublinhar, simultaneamente, a relatividade do cartesianismo e o caráter absoluto do engajamento cartesiano.” (SARTRE, 1970, p.14).

Para mais não existe uma essência universal de homem e sim uma universalidade humana de condição, então o homem não está condenado a nascer e morrer nas mesmas condições, as situações históricas variam, mas o homem é sempre o agente condutor da história, contudo existem limites, que precisam ser transposto pelo homem, esses limites são a própria subjetividade humana, na qual o homem precisa se determinar, fazer seu próprio caminho, pois o homem antes de tudo é um projeto, como mostra uma citação de *O Ser e o Nada*:

Significa que um nada nadificador me deixa sem desculpas e ao mesmo tempo em que o que eu projeto como meu ser futuro está sempre nadificado e reduzido à categoria de mera possibilidade, porque o futuro que sou permanece fora de meu alcance. (SARTRE, 2007, p.46).

Essa passagem mostra que o homem se aguarda no futuro, ele tem sempre um encontro marcado consigo mesmo para além do agora, e isso faz com que ele se angustie, pois tem medo de não está nesse encontro, com o futuro.

Todo o empreendimento do homem é tentativas de se adaptar a esses limites. “Consequentemente, qualquer projeto, por mais individual que seja, tem um valor universal.” (SARTRE, 1970, p13). Segundo: Istivan Mészáros Sartre usa o “projeto” como conceito de “niilificá-lo”, num processo dialético de “objetivação- niilificação”. Para Sartre existe uma universalidade em todo projeto no sentido em que qualquer projeto é inteligível para qualquer homem. “Fascinamo-nos pelo processo de objetivação niilificadora que produz a obra global, e não necessariamente por determinados resultados.” (MÉSZÁROS, 2012, p.27). O melhor exemplo disso é Picasso, pois toda sua obra tem um valor global representativo.

“Uma pessoa, é ambos, sujeito e objeto: um sujeito em relação até onde sua consciência transcende o mundo (seu Ser-no-mundo) e um objeto transcendido até onde seu corpo está posicionado no mundo, entre outros objetos (seu Ser-no-meio-do-mundo).” (COX, 2007, p.127).

SARTRE, 2007, p.80.

Isso é na filosofia sartriana a facticidade e a transcendência. Vejamos como ocorre isso nas obras de Picasso:

Em [...] Picasso, a subjetividade está sempre em evidência, mas utiliza como veículo o mundo dos objetos [...] a obra global se enriquece, paradoxalmente a custa de cada um das obras que ele utiliza “para pôr-se sobre seus próprios ombros”. Por assim dizer fascinamo-nos pelo processo de objetivação nihilizadora que produz a obra global, e não necessariamente por determinados resultados. (MESZAROS, 2012, p.27).

A obra de Picasso conseguiu ser universal, pois ele conseguiu dar a ela uma união única de subjetividade e objetividade, ele construiu sua obra “entendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja” (Sartre, 1970.p.14). Picasso pelo seu engajamento livre realizou toda a humanidade no campo da Arte. Segundo Mészáros (2012, p. 27) na condição de indivíduo, a liberdade surge em sua generalidade, mas sempre manifestada mediante condições existenciais particulares, nesse sentido é que ele, o homem engajado, é, e continua a ser um existencialista.

Para Sartre, em qualquer lugar que o homem vá ele se determina livremente, e qualquer projeto individual tem um valor universal. Neste ponto Sartre retoma a ideia heideggeriana de projeto.¹² A existência é um projetar-se no sentido de impulsionar-se para o futuro, na medida em que o homem responde por si mesmo, entretanto, Sartre faz uma importante ressalva, ao afirmar que o homem não é definido pelo projeto para sempre, ele é construído, e construindo-se constrói o universal. Em suma, para Sartre o existencialismo mostra essa ligação do engajamento livre pela ação, cada homem se realiza no engajamento “sendo compreensível em qualquer época e por qualquer pessoa.” (SARTRE, 1970, p.14). Segundo: Mészáros Sartre ao adotar algumas das concepções de Heidegger sobre o projetar-se no futuro do homem vai mais além, fazendo uso do próprio Heidegger em proveito próprio na sua busca existencial da liberdade, pois ele encontra no filósofo alemão um apoio contra a fatalidade e a inércia, mas esse é apenas o lado negativo de sua visão global. O aspecto positivo é exemplificado com toda a clareza num belo trecho conclusivo do ensaio sobre Faulkner citado por Istvan Mészáros:

¹² **HISTORIA DA FILOSOFIA**, Coleção os Pensadores. Organização e texto final: Bernadette Siqueira Abrão. p.447. Editora nova Cultural. São Paulo. 2004.

Como se explica que Faulkner e tantos outros autores tenham escolhido essa absurdidade que é tão pouco romanesca e tão pouco verídica? Creio que é preciso procurar a razão disso nas condições sociais de nossa vida presente. O desespero de Faulkner me parece anterior à sua metafísica: para ele, como para todos nós, o *futuro está vedado*. Tudo o que vemos tudo o que vivemos nos incita a dizer: “Isso não pode durar” – e, no entanto a mudança não é nem mesmo concebível, a não ser na forma de *cataclismo*. Vivemos no tempo das *revoluções impossíveis*, e Faulkner emprega sua arte extraordinária para descrever esse mundo que morre de velhice e nossa asfixia. Aprecio sua arte, mas não acredito em sua metafísica. *Um futuro vedado ainda é um futuro*. (MÉSZÁROS, 2012, p.54) apud. Jean-Paul Sartre, “Sobre *O som e a fúria*”, cit., p. 99.

A citação acima mostra bem todo o paradoxo da filosofia sartriana, um futuro que não existe ainda é um futuro, ou não escolher já é escolher, isso pouco importa na vida do homem, o que é importante mesmo é o contexto, as situações que cada época leva. “Dilacerada pela contradição inerente entre a necessidade de mudança e a impossibilidade de revoluções” (MÉSZÁROS, 2012, p.55). Sartre está nesse meio não pode simplesmente contemplar de fora, é preciso se engajar na guerra, era preciso à experiência do mito do heroísmo como diz: Depois da guerra veio à experiência autêntica, a experiência de sociedade. “Mas, no meu caso, creio ter sido necessário passar antes pelo mito do heroísmo.” (SARTRE, 1970, p.14).

Outras críticas pairam sobre o existencialismo, para muitos ele é uma filosofia anárquica. Também existe a crítica de que o existencialismo não pode julgar o outro. E por ultimo acusam o existencialismo de uma pura gratuidade de fingimento¹³ caindo assim o existencialismo numa escolha que pode tudo. Para Sartre essas críticas não são sérias e responde à primeira com talvez a sua principal tese sobre a liberdade. A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher assim estarei escolhendo. (SARTRE, 1970, p.14).

É esse o grande “truque” claustrofóbico como o qual o existencialismo prende o homem na sua liberdade, o homem está preso na liberdade. Diz ele: “A liberdade limita a liberdade”. (SARTRE, 2007, p.394). Em suma o homem não pode fugir da “condenação” da liberdade. Para Sartre o homem não pode evitar a escolha, por exemplo, se o homem escolhe não se casar e não ter filhos essa decisão afeta a humanidade inteira. Sartre vai mais além e diz que essa simples escolha, não é um simples capricho do homem em relação ao matrimônio, pois essa ação de

¹³ SARTRE, 1970, p. 14

permanecer casto é uma ação organizada,¹⁴ não é uma escolha gratuita, ele foi obrigado a inventar a sua lei (castidade).

A gratuidade para Sartre faz sim parte da sua filosofia, porém uma gratuidade contingente.

[...] Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o *absoluto*, por conseguinte a *gratuidade* perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebamos disso, sentimos o *estômago embrulhado*, e tudo se põe a flutuar [...]: é isso a Náusea; (SARTRE, 1978, p.81)

Sendo assim qualquer escolha é absurda, “não por que careça da razão, mas porque não houve a possibilidade de não escolher.” (SARTRE, 2007, p.589). Até mesmo o suicídio é para Sartre uma escolha da afirmação do ser da liberdade. “Esta opinião, a despeito das reservas de Sartre ainda a serem consideradas sobre o ser-para-a-morte coincide com sua reivindicação de que a autenticidade envolve viver sem arrependimentos.” (COX, 207, p.195). Nas palavras de Cox, a liberdade tem que ser afirmada positivamente, sem arrependimentos, pensando na filosofia de Sartre, sem má-fé. O homem precisa também afirmar sua moralidade. Sustentar a liberdade envolve olhar sem medo para a morte. Isso não quer dizer que uma pessoa que vê a morte dessa forma é uma pessoas suicida. “Até mesmo sua morte não é vista como um mal, pois ele é um homem somente até onde é um mortal: ele precisa imaginar isso como um limite natural da sua vida, como um risco imposto por todos os passos que toma.”¹⁵. O homem que não vive sua liberdade, inteiramente, também morre. Ele morre todo dia, pois nunca realmente viveu, enquanto aquele que vive a sua liberdade positiva morre somente uma vez.

Sobre a crítica de não poder julgar o Outro, Sartre responde: “É verdade e, sob outro é falso”. (SARTRE, 1970, p. 15) Pois o homem não pode escolher outro projeto, a não ser o que ele já se engajou, o homem vive cada escolha e uma determinada situação, ou ele opta por um caminho e depois dessa escolha todos os outros caminhos se fecham para ele. Para Sartre o homem pode sim julgar o outro, pois: “cada um escolhe perante os outros e se escolhe perante os outros.” (SARTRE, 1970, p.25).

¹⁴Idem, p.14.

¹⁵ COX, 2007, p.195 apud BEAUVOIR, 2000,p.82.

CAPÍTULO III

A MÁ-FÉ

Na opinião de Sartre, o homem é livre e isso se dá na facticidade da escolha, de outra maneira, o homem não “tem escolha” de não escolher. Desta forma temos que nos perguntar: em que momento surge os valores éticos? Como já vimos, a existência precede a essência em Sartre. Logo o homem é liberdade e só pode escolher a partir de si mesmo. O homem está “condenado”, por um impulso interior, a ter que transcender o existente, portanto destinado a transcender o Ser. O homem é a parte a toda ação determinista. O homem seda conta que está “condenado” à liberdade, e se identifica com isso. Esta tendência leva o homem, a tentar fugir de si próprio, se instalando assim a má-fé, uma espécie de determinismo que o homem cria. A origem da má-fé está na própria liberdade, como mostra Cox: “Isso é possível porque a má-fé envolve uma tentativa por parte do Para-si, um ser que precisa perpetuamente se escolher para si mesmo como um ser que não necessita e nem pode se escolher.” (COX, 2007, p.121). Em suma, o homem falha, porque é um ser que está sempre escolhendo, contudo, não pode se escolher. Como diz Sartre “Não escolher é, na realidade escolher não escolher [...] E daí a absurdidade da liberdade”. (SARTRE, 2007, p.360). “Isto significa que a consciência possui a propriedade de ser em si mesma o seu próprio nada, e que o nada vive nela.” (SILVA, 1997, p.39). Sendo assim o homem em relação a má-fé que é considerada como uma mentira, mas não uma mentira “verdadeira”, pois a mentira consiste em enganar, mentindo se passando por uma verdade, sendo que o receptor da mentira, não consegue descobrir se é uma mentira ou não. Já quando de má-fé o homem mentir para si mesmo, ele sabe que é uma mentira, ele crer na sua própria mentira. “Eu sou, portanto, simultaneamente enganador e enganado: como enganador” (SILVA, 1997, p. 38).

Como inventar uma ética a partir desta circunstância? O homem está “condenado”, contudo, não determinado por qualquer norma, já que em tese qualquer conduta está no âmbito da liberdade humana. Como surgem os valores éticos? Surge um paradoxo da filosofia sartriana, pois em Sartre não existe um preceito moral, nem uma ética, pois o homem é pura subjetividade “Eis uma primeira característica essencial da subjetividade: se a subjetividade é, por definição, não

saber, mesmo no nível da consciência, é porque o indivíduo, ou o organismo, tem de ser o seu ser.” (SARTRE, 2014, p.12). É o Para-si que escolhe e valoriza essa conduta. Destarte, a não existência de Deus é a proposta sartriana, para mudar as atividades humanas. O homem terá que viver constantemente com a “sombra” da má-fé, visto que ela está no âmbito da facticidade e transcendência da escolha. “As pessoas não adotam, deliberadamente, os projetos primitivos de má-fé, elas caem neles, assim como cair no sono.” (COX, 2007, p.160). Cox nos mostra que não existe em relação à má-fé uma questão de decisão voluntária, mas sim uma determinação espontânea do Ser. Ou seja, ao “dormir” o homem se coloca na má-fé, quando sonha, já está na má-fé.

O conceito de base assim engendrado utiliza a dupla propriedade do ser humano de ser *facticidade* e *transcendência*. Na verdade, dois aspectos da realidade humana que são e devem ser muito bem coordenados. Mas a má-fé não pretende coordená-los ou superá-los em uma síntese. Para ela, trata-se de afirmar a identidade de ambos, conservando suas diferenças. É preciso afirmar a facticidade como *sendo* transcendência e a transcendência como *sendo* facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma, deparar bruscamente com a outra. (SARTRE, 2007, p.60).

A má-fé é o processo da luta da consciência do Para-si para ignorar a sua facticidade. “Uma pessoa em má-fé evita a responsabilidade por situação corporificada, negando que é sua situação.” (COX, 2007, p.131). Só uma ética da ação do engajamento pode superar a ética “imoral” da má-fé. “O homem precisa existir sem desculpas e se, por acaso as encontrar, terá que saber que estas são frutos de sua própria escolha, estará agindo de má-fé.” (BUENO, 2011, p.21). O homem é livre e não pode ter auxílio para desculpas de não ser livre, se achar terá que ser julgado como um homem de má-fé.

Sartre explora vários aspectos da má-fé através de exemplos concretos, um deles é o caso do homossexual e o seu amigo o “campeão da sinceridade”. Como mostra Cox: “Uma pessoa pode ser sincera, ela pode acreditar que é sincera, ela pode manter que é aquilo que é e declarar “eu sou aquilo que sou”, mas ela não pode ser sincera.” (COX, 2007, p.14). Como vimos é impossível uma pessoa atingir o plano da sinceridade, porque ninguém consegue ser aquilo que é, visto que o Para-si é sempre uma direção ao ser em si ou “ser aquilo que ainda não é”. Esse caso mostra a má-fé em relação ao Outro, em uma espécie de uma coisa preconcebida de determinada pessoa.

O homossexual e o seu amigo “sincero” envolve essa relação. “Um homem sexual tem frequentemente intolerável sentimento de culpa, e toda sua existência se determina com relação a isso.” (SARTRE, 2007, p.65). O homossexual age de má-fé, não por recusar de reconhecer seus desejos homossexuais, ou até mesmo uma negação de seus atos. “Sua negativa envolve uma recusa de reconhecer a homossexualidade como um significado transcendente de sua conduta.” (COX, 2007, p.140). Ele apenas se diz homossexual por que teve má sorte, diz que as mulheres não se interessava por ele, que era tímido, etc.

Tudo isto pode parecer ridículo ou reprovável, mas por trás desta atitude está a tentativa do homossexual de se desidentificar com certo ser, para se subtrair a um destino unívoco, para se sentir ainda livre para ser de um “outro” modo. (SILVA, 1997, p.42).

O Homossexual tenta negar sua facticidade, quando na realidade ele é sua facticidade no módulo do não sê-lo. “Mas o homossexual se desvia dissimuladamente para outra acepção da palavra “ser”: entende “não ser” no sentido de “não ser em si.” (SARTRE, 2007, p.66).

A verdade, entretanto, é que longe de ser uma pura transcendência ele é e precisa ser a transcendência da sua facticidade. A facticidade e a transcendência estão presas numa síntese original. O homossexual em seu projeto de má-fé tenta negar esta síntese e cria dentro de si uma divisão entre a facticidade e a transcendência. (COX, p.151).

O homossexual recusa ser aquilo que ele é, ele vive numa duplicidade, ele mostra na verdade dos fatos que o homem não poder ser o Em-si. A sua maneira de agir mostra ainda a angustiante falta de transcendência que há no homem. De o próprio ser, para o problemático caminho do não-ser.

Agora aparece um amigo do homossexual, o “campeão da sinceridade”, que quer que o homossexual se reconheça como “homossexual”. “Sartre pergunta qual deles está em má-fé?” (COX, 2007, p.151). A resposta parece simples e por uma única via, todos poderão dizer que o homossexual é quem está em má-fé, pois vive uma duplicidade, não se assume como é, enquanto o amigo parece apenas estar pedindo para que o mesmo se assuma como homossexual. A resposta de Sartre, é que tanto o homossexual, como o amigo, estão em má-fé. O amigo da sinceridade apenas foge para a região da liberdade e da boa vontade como ressaltar Cox:

Quando encoraja o homossexual a ser sincero sobre sua homossexualidade, o campeão da sinceridade o encoraja a se constituir como uma coisa: ser somente um homossexual. Ele se oferece para aliviá-lo da sua liberdade como liberdade e retorná-la para ele como uma coisa; para trocar uma liberdade sem limite por uma liberdade reduzida a uma quantidade fixa e conhecida. (COX, 2007, p.151).

Para Sartre esse amigo do homossexual tem um motivo egoísta. Sendo assim na filosofia da existência sartriana não existe sinceridade entre relações de companheirismo, esta só aparece nas relações da pessoa consigo mesmo. “Quem não vê que o homem sincero se constitui como coisa exatamente a fim de escapar dessa condição de coisa pelo próprio ato de sinceridade.”¹⁶ “O amigo “sincero” está em má-fé, pois trata a liberdade transcendente do outro como se fosse uma facticidade.” (COX, 2007, p.152). Ele não admite a transcendência livre do outro.

Assim, a estrutura essencial da sinceridade é igual à da má-fé, uma vez que o homem sincero se faz o que é *para não sê-lo* (itálico original). Isso explica a Verdade, reconhecida por todos, de que podemos chegar à má-fé por sermos sinceros. (SARTRE, 2007, p.66,67).

Sendo assim a sinceridade não é nada mais do que um objeto de escape de si mesmo, que colocamos no Outro, um objetivo que se distancia daquela coisa que ela declara ser, em suma a sinceridade para com o Outro, “é uma forma de aplaudir a nós mesmos pelo nosso autoconhecimento. O que não admitimos é que nossa sinceridade seja também aberta a questionamentos, pois é somente uma visão parcial de nós mesmos.”¹⁷ No fundo a sinceridade é um jogo de espelhos e reflexos, pois; “A condição de possibilidade da má-fé é que a realidade humana, em seu ser mais imediato, na intra-estrutura do *cogito* pré-reflexivo, seja o que não é e não seja o que é.” (SARTRE, 2007, p.68). Em suma, a sinceridade é um projeto próprio da má-fé. A sinceridade poderia existir de forma “positiva” se a consciência existisse como Em-si, o que é contrário. “Portanto, ser, para consciência, é, necessariamente, ser-de-má-fé.” (SILVA, 1997, p.41). O que advém dizer que a conduta da má-fé, é um caminho para a negatividade original que é o homem.

Para Sartre o homem de má-fé se refugia em suas paixões, para mascarar a angústia, para ele o homem de má-fé captar só o possível do Outro e evita-o também. “O homem de má-fé apenas apreende o Outro por um objeto, que não é

¹⁶ SARTRE, 2007, p.66

¹⁷ COX, 2007, p.165 apud, CATALANO, 1983, p.81.

senão o próprio Eu” (SARTRE, 2007, p.87). A liberdade nadificadora é para Sartre a responsabilidade original, por isso o homem de má-fé a esquece e se refugia na crença do determinismo. "Para-si e a liberdade" são um só, que não podem ser distinguidos um do outro. "É a liberdade que permite ao homem de empreender e de realizar a sua essência." (SILVA, 1997, p.15).

A menos que, tenham modificado deliberadamente seu projeto fundamental; estes últimos irão recorrer a toda má-fé do mundo e a todas as escapatórias que possam inventar de forma a evitar lesar esta fé depositada naquilo que é, a qual constitui uma estrutura essencial de seu projeto. (SARTRE, 2007, p.618).

Sartre define a má-fé como um erro, ela é uma mentira (SARTRE, 1970, p16), pois dissimula a liberdade do engajamento. Uma questão é levantada: o homem pode escolher ter uma má-fé, já que a liberdade dá caminho para isso? Sartre responde que a atitude da liberdade, coerente é a atitude da boa fé. “Logo, parece que devo ser de boa-fé, ao menos no que toca a ser consciente de minha má-fé” (SARTRE, 2007, p.94) A liberdade é para Sartre uma circunstância concreta, para ele os homens de boa fé tem uma vontade abstrata de *liberdade*, porém, essa liberdade é desejada em função de uma situação concreta.

Sem duvida, a liberdade, enquanto definição do homem não depende de outrem, mas logo que existe um engajamento, sou forçado a querer simultaneamente a minha liberdade e dos outros, não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. (SARTRE, 1970, p.16).

Portanto, para Sartre pode se formar juízos sobre aqueles que ocultam a si mesmo, a gratuidade da sua existência e sua liberdade, dando desculpas deterministas e religiosas, em nome de uma liberdade implicada pela própria liberdade.¹⁸ Para Sartre o homem que se apega a determinismos tem que ser julgado ao nível de uma rigorosa autenticidade. Sartre diz que embora a moral seja variável de individuo para individuo, de certa forma ela tem um sentido universal. Como o principio da moral é abstrato, ele não pode definir uma ação, contudo, é o engajamento na ação que dará a forma concreta da ação humana, pois a escolha é sempre fruto de um ato concreto.

¹⁸ Idem, p.16.

Dois casos de escolhas de ato concreto opostos são citados por Sartre: a da mocinha Maggie Tulliver que sacrifica seu amor conscientemente, em vez de preferir viver perigosamente a sua felicidade, - ela escolhe seu sofrimento em nome da solidariedade humana. E a moça Sanseverina, que declara que pelo amor é preferível se arriscar e viver uma vida de sacrifício. Esses dois casos opostos tem como equivalente a liberdade, pois a escolha feita tanto pela moça que preferiu não viver o grande amor em nome da solidariedade humana, quanto pela moça que escolheu viver levianamente¹⁹ a sua felicidade se deu a partir da própria liberdade que a liberdade apresenta, a escolha é sempre livre,²⁰ embora quanto aos efeitos sejam totalmente diferentes.

Com a questão da má-fé, apresenta-se agora, outro ponto de relevância em Sartre, para a discussão da liberdade, a autenticidade. Sartre defende como já vimos que o homem precisa ser engajado, comprometido com o Outro e tudo partindo da subjetividade, um “humanismo existencialista”²¹. Identificado por Sartre como por estar sempre “fora de si mesmo”.

Instigante de tudo isso, é que Sartre no centro de uma hecatombe humana, sem precedente, pelo grande uso de armas, ousou mostrar que a liberdade moderna fugia de tudo aquilo que foi visto na História, ele mostrou que a liberdade não era para um só. Por conseguinte a liberdade de um só pode ser agora a liberdade do Outro. Para Sartre a autenticidade é a antítese da má-fé. “O homem existe e deve fazer uma escolha sobre a sua existência”. Como lembra Wagner de Barros, “Eu

¹⁹ SARTRE, 1970, p.16

²⁰ Idem, p.17.

²¹ Quanto à crítica da gratuidade feita ao *existencialismo*, o homem escolhe os valores, isso significa que as coisas não têm seriedade, pois é uma escolha muito simples. Sartre admite a mesma, com ironia, “Já que eliminamos Deus Nosso Senhor, alguém terá de inventar os valores.” Para Sartre isso quer dizer que o que importa é encarar a vida como é, pois essa não tem nenhum sentido estabelecido *a priori*. “Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada.” (SARTRE, 1970, p.17). A vida só ganha sentido com a própria existência, o sentido da vida é viver as contingências do dia a dia, em suma, para o *existencialismo* escolher Ser é o sentido da vida. O Humanismo dos humanistas do século XVII toma o homem como meta e como valor superior. Toda invenção de qualquer homem beneficia todos os outros, como se todos tivessem feito os mesmos atos particulares, “O que supõe que podemos atribuir um valor ao homem em função dos atos mais elevados de certos homens”. Para Sartre esse tipo de humanismo é absurdo, pois esse coloca o homem como meta e não o homem em construção. Nele o homem está num conjunto fechado abrindo portas pra regimes políticos que levam no homem a viver em procura de cultuar sua própria imagem. Portanto em Sartre o humanismo tem outro sentido: o homem está fora de si mesmo, ele pode se transcender e assim ele pode existir, ele é total superação de si mesmo. O sentido transcendente existe para Sartre na medida em que o homem passa os limites da teologia e se torna o “demiurgo” da sua existência. A subjetividade é o fechamento do homem em si mesmo, mas presente num universo humano. “Esse é o *Humanismo existencialista*.” ²¹ O homem é o legislador, e ele só se vê nessa realidade no desamparo do nada, que é sua volta para si mesmo, mas procurando uma meta fora de si, que é sua existência humana.

existo, mas eu só posso alcançar esta existência assumindo-a.” (BARROS, 2010, p.6) Sendo, assim existe um problema paradoxal em relação à liberdade sartriana para o homem chegar ao alto grau da autenticidade total, como diz Gary Cox: “É o santo grau do existencialismo” (COX, 2007, p.180). A existência autêntica pode ser realizada, mas não pode ser alcançada, pois ninguém pode viver sem cometer erros de julgamento e a má-fé é muito sedutora pra ser evitada, sendo assim a existência humana está sempre num grau insuperável para o alcance humano, o que Sartre faz é apenas mostrar o caminho para chega-se lá.

Em seus diários de guerra, Sartre admite sua própria falha da obtenção da existência autêntica sustentada. “Eu não sou autêntico, parei nas imediações da terra prometida, mas, pelo menos posso apontar o caminho para que outras pessoas possam ir lá.” (COX, 2007, p.182).

Em outras palavras a autenticidade é um projeto da continuidade, o homem é autêntico tão somente no agora, dependendo apenas dos seus atos. Deste modo, a autenticidade revela um obstáculo para a filosofia da existência sartriana, como de um modo geral para toda a filosofia posterior a Sartre, pois fica a pergunta como encarar a existência autêntica? Finalizando, a autenticidade não pode ser alcançada, mas o homem terá que a buscar constantemente. “A Autenticidade é um ideal heroico que vale a pena lutar, pois é sempre melhor ser verdadeiro, se controlar e se manifestar do que ser uma consciência confusa.” (COX, 2007, p. 180).

CONCLUSÃO

Entendemos que o pensamento de Sartre “sobre a liberdade”, representou para a modernidade uma “libertação”, que paradoxalmente é uma condenação a liberdade, pois o homem não tem escolha, sua única saída é lutar para se tornar livre, e esse paradoxo representa toda a condição histórica que vivemos. Por que o homem está “condenado à liberdade”? Ele está condenado por que a sua existência é inapreensível, isto quer dizer que o homem não é nada, só será ele mesmo a partir de sua ação no mundo. Então da sua ação é que ele constitui a sua essência. E essa ação só se dará através das suas escolhas, que terão que ser sempre visadas para o bem da coletividade.

O homem se caracteriza assim para Sartre; sua consciência é nada, essa falta tem um sentido positivo, porque, ela permite que a consciência esteja sempre para fora de si, o bem estará sempre fora do homem ele tem essa vantagem de ser apenas um projeto frente ao Ser que é fechado em si, não tem futuro e nem passado só é agora e para sempre, não tem a liberdade.

A nossa escolha por Sartre em nosso trabalho de conclusão de curso, se deu por percebemos a sua coerência acerca da sua teoria sobre a liberdade. O que Sartre mostrou é que somos totalmente livres, e nenhuma justificativa pode ser usada como desculpas contra a liberdade. O homem mesmo na mais difícil situação imposta, tem sempre a opção de não se submeter a ela, mesmo que essa opção seja em último caso a morte. Posso não querer ser mais um escravo e fugir para as matas, e mesmo que eu seja apanhado, volte para a escravidão, terei ainda a mesma escolha de fugir. Posso até mesmo sendo escravo escravizar outro semelhante. E é esta a grande máxima de Sartre frente ao determinismo que impõe ao homem a condição de um eterno aprisionamento social: Não importa o que a história faz de você, o que importa é o que você faz daquilo que a história te fez. O homem é sempre livre e se não for livre, ele não o é.

Nada justifica a existência humana. Sartre recusa assim o determinismo marxista e o livre arbítrio cristão. A liberdade é absoluta, já que Deus não existe. Contudo, a existência ou não de Deus, não é o problema para entendermos o “conceito” de liberdade em Sartre. Deus existe, mas nada muda em relação à liberdade, pois o homem sempre decide só, está “desamparado”, este desamparo é a condição de liberdade que Deus deu a o homem, sendo assim a liberdade passa a

ser um problema intransponível para o homem. O homem é livre, contudo essa liberdade, não é uma liberdade que ele possa fazer tudo o que deseja. A liberdade é uma libertação, e o homem só é livre para se libertar a partir dessa constatação. O homem não faz o quer e apesar disso é o responsável por si e pelos outros.

Então em que momento o homem é responsável direito pelo o Outro? O homem é responsável pelo o Outro no momento em que ele se engaja em qualquer ato concreto, que tenha um valor ético e moral para a sociedade. E se ele não se engaja não é livre. Por isso a liberdade tem suas “limitações” em Sartre. O homem é realmente livre, mas dentro de um espaço, tempo e situação.

A angústia aparece em todas as situações imposta ao homem, ele é a própria angústia. E não consegue escapar dessa responsabilidade que tem com o mundo. A angústia se dar por que o homem está só, não existe um espírito que lhe diga o que pode fazer, e se ainda tiver esse espírito que diga ao homem o que deve ser feito, ele mesmo assim ainda ficará angustiado, porque, não tem o poder de saber se o espírito é um anjo de Deus ou de qualquer outra coisa sobrenatural. O homem vai sempre ter a angústia ao seu lado e suas ações se darão sempre em situações arbitrárias. Ou seja, no conflito com o Outro. O homem precisa se transcender para pode ser livre.

A facticidade e o mundo ao redor de uma pessoa, representado por tudo aquilo que apresenta uma resistência constante às suas ações e projetos; dificuldades, obstáculos, embaraços, empecilho [...] Ainda assim esta resistência constante é a possibilidade das ações de uma pessoa, pois suas ações são sempre uma luta para superar a facticidade. (COX, 2007, p.91).

Assim o homem estará sempre lutando para escapar dessa realidade, e esta luta ele não consegue vencer, pois é a própria liberdade que o prende nessa contingência. Se o homem consegue transpor essa barreira, ele se torna um Deus coisa que ele não é. É justamente por isso que o homem é livre, em suma o homem só pode ser aquilo que ainda não é.

A má-fé é possível ao homem por que ele não é o Ser. É o que podemos dizer que no homem existe uma “fissura” que permite que a má-fé se estabeleça. O homem tenta fugir de si mesmo pela má-fé, ele se esforça para justificar suas falhas, sua assinatura de nadificação. É essa a subjetividade para Sartre. É essa a possibilidade que resta ao homem viver sempre com a “sombra” da má-fé. Contudo a má-fé, não pode ser só vista como um sentido negativo para o homem. Ela funciona como um espelho ético, sendo a luta da consciência para de desprender

dos determinismos da tradição. O homem pode escapar da má-fé, através de um agir ético, dentro do engajamento e da ação. Ele não é determinado a ser um covarde para o resto da vida. O homem pode se assumir, eis o que Sartre via como que o existencialismo tornava a vida humana possível. Entretanto Sartre não deu o caminho para que o homem chegue a tal alto grau do existencialismo autêntico, o mesmo dizia que não era autêntico. Ele, contudo apontou o caminho para que cheguemos lá, somente através das escolhas.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadete (Org.) ***História da Filosofia***. Coleção os Pensadores. Editora Nova Cultural, São Paulo, 2004.

ALMEIDA, Amarildo Fernando de. ***A questão da liberdade na obra Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul-Sartre***. Pontifícia Universidade Católica de Minas. Não consta o ano, 15p.

BARROS, de Wagner. ***Sobre a Autenticidade na Filosofia de Sartre***. Revista de Filosofia, Argumentos, Ano 2, N°. 3, Universidade Estadual Paulista. 2010.

BIGNOTTO, Newton. ***O Tirano e a Cidade***. São Paulo, Ed: Discurso Editorial, 1998.

BUENO, José Isaque. ***Sartre e a liberdade***. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2007.

COX, Gary. ***Compreender Sartre***. Trad. Hélio Magri Filho, Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 2007.

ERCULINO, Síloe Cristina do Nascimento. Deus em Sartre má-fé e aspiração. In.: ***Revista Páginas de Filosofia***, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2013.

MÉSZÁROS, Istvan. ***A obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da História***. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo, Boi tempo, 2012.

RESENDE, Antonio. ***Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação***. Rio de Janeiro, Ed: Jorge Zahar, 2005.

RODRIGUES, Osvaldino Marra; Gondin, Elnora. ***Descartes e Sartre: A questão da Liberdade***. Revista Ensaios Filosóficos, 2012.

SILVA, Cléa Góis e. ***Liberdade e consciência no Existencialismo de Jean-Paul Sartre***. Editora UEL, Londrina, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. ***O Existencialismo é um Humanismo***. Trad: Rita Correia Guedes. Paris, 1970.

_____. ***O Existencialismo é um Humanismo***. Trad: João Batista Kreuch. 4.ed Vozes. Petrópolis. RJ, 2014.

_____. ***O Ser e o Nada***. Trad: Paulo Perdigão. 15. Ed. Petrópolis, Rj. Vozes, 2007.

_____. ***A Náusea***. Trad.: António Coimbra Martins. Ed. Europa América, Lisboa, Portugal, 1978.

_____. ***SITUAÇÕES IV***. Trad: Maria Eduarda Reis Colares e Eduardo Prado Coelho, Ed: Europa America, 1964.

_____. **Questão de Método.** Trad: Bento Prado Júnior. 4.^a edição. Ed: Difel. São Paulo, 1979.

_____. **O que é a Subjetividade?** Trad: Estela dos Santos Abreu, Ed: Nova Fronteira. Rio de Janeiro Brasil, 2014.